



DISCURSOS DE ÓDIO E VIOLÊNCIA: O HOMEM DO RESSENTIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE¹.

Mauro da Silva de Carvalho ²
Auterives Maciel Júnior (orientador)³

RESUMO

Deus morreu!, afirma o Filósofo Nietzsche(Sec.XIX). Apesar de não habitar mais este mundo, sua grande sombra ainda assusta aqueles que acostumados com o jugo das verdades divinas não se veem potentes para exercer sua liberdade recém-conquistada. Esta categoria de homens, chamado de “Ressentidos” pelo pensador alemão, tem como marca a exaltação de sua fraqueza, a valorização de suas virtudes e o ódio as diferentes formas de conceber o mundo, transformando este afeto em reatividade a todos aqueles que com seus corpos dissidentes e sua estética dissonante afirmam formas singulares de conceber os gêneros e as sexualidades. Conceito chave para compreender a complexidade de fenômenos marcados pelo ressurgimento dos movimentos de rua em 2013 e que anos depois culminaram no apoio popular e assunção de um governo pautado por agendas sociais marcadas pela radicalização de discursos conservadores e religiosos, pelo retrocesso na luta por direitos e pelo aumento da estigmatização de parcelas da população, marcadas pela diversidade, a emergência do Ressentimento contemporâneo nos permite pôr em análise a relação conturbada que estabelecemos com os afetos, suas consequências na formulação de políticas públicas e dos atuais retrocessos no campo do direito. Partindo deste contexto, este trabalho pretende analisar como o surgimento do “Homem do Ressentimento” contemporâneo se relaciona com a radicalização dos discursos de ódio que se espriam pelo tecido social e como eles tem servido de suporte a implementação de políticas discriminatórias, apontando para possíveis formas de interpelar este fenômeno, fomentando discussões capazes de construir alternativas a este cotidiano.

Palavras-chave: Nietzsche, Ressentimento, ódio, contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

A pergunta de pesquisa que inicialmente motivou esta pesquisa de doutorado tinha um objetivo claro: porque temos uma relação tão “conturbada” com nossos afetos/paixões? O ano era 2016, período turbulento no contexto brasileiro onde, após as “jornadas de 2013” e do impeachment de uma presidente, assistíamos um período onde os discursos de ódio eram a tônica de um cotidiano agitado e inquieto.

¹Trabalho desenvolvido como estrato de tese de doutorado desenvolvida no programa Psicanálise, Cultura e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida. (UVA/RJ)

² Doutorando (Bolsista CAPES) do Curso de pós graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA) – RJ. maurosilvacarvalho@gmail.com

³ Docente do do Curso de pós graduação(Doutorado) em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA) autermaciel@gmail.com

Naquele momento, inúmeros discursos, muitas vezes associado a atos de violência, eram a tônica principal: ódio contra emigrantes, contra os partidos políticos, figuras públicas, de gênero, sexual, religiosa, dentre outros. Estupefatos, assistíamos pelos noticiários e redes sociais uma sucessão de discursos e práticas violentas, fartamente explicadas por noções naturalizadas, descontextualizadas, conceitualmente vagas e que pouco ou nada contribuíam para a produção de saberes e práticas capazes de interpelar estes fenômenos tão disseminados e pertinentes para compreensão da atualidade, nos levando, naquele momento, a questionar a relevância dos afetos nas diferentes formas do mesmo conceber a si e como eles impelem os sujeitos a ação.

Que, conforme se viu posteriormente, os afetos passaram a se sobrepor a uma análise racional do mundo não se pode duvidar: aumento da hostilidade a diversidade sexual, de gênero, de ideias, de posicionamentos políticos..., a lista é longa, mas nela havia algo que unificava os discursos: o ódio deixa de ser um elemento de vergonha e culpa para assumir uma centralidade inconfessa nos discursos e práticas cotidianas.

Tendo em vista que na nossa compreensão de moral reside uma forte influência religiosa cristã (que tem por máxima a pregação do amor ao próximo) cabe-nos, então, perguntar, que forças levaram parte significativa da sociedade a “abraçar” o ódio contra toda diversidade, apoiando e elegendo um governo marcado por pautas conservadoras, ancorado em discursos misantrópicos, e que, na atualidade vem implementando políticas públicas de segregação e discriminação a setores sociais ditos progressistas (negros, indígenas, defensores de direitos humanos etc) tendo como alvo preferencial a população LGBTQ+?.

Se por um lado a história nos ensina que a discriminação, preconceito e o ódio a toda diferença fora, por um longo tempo, uma norma⁴, por outro nos habituamos, no Brasil do alvorecer do Sec. XXI, num período relativamente longo, marcado pela convivência, conquistas e avanços nas pautas de reivindicação de direitos que resultaram na discussão e implementação de políticas públicas de inclusão, tais como, criação de Conselho de Combate a Discriminação e Promoção de Direitos LGBT (CNCD/LGBT), promoção de direitos através da reserva de vagas em cursos de graduação e pós, registro do nome social, dentre outras. Isso posto, cabe-nos perguntar: o que deu errado?

Compreender a complexidade deste fenômeno implica, num primeiro momento, em colocar em análise a centralidade da consciência e dos seus atributos racionais como forma de

4 Como exemplo podemos citar a criação dos campos de concentração nazista e a internação e posterior eliminação não só do povo judeu, mas também dos homossexuais e ciganos por não se adequarem ao ideal de “pureza” do povo ariano.

organização do homem, tal como postulada por uma teoria do Teoria do Sujeito reconhecida por diferentes campos de conhecimento (Filosofia, Sociologia, Psicologia, etc). Segundo Foucault (2001), o edifício teórico que sustenta a ideia de sujeito implica na aceitação que a sua existência poderia ser considerada como correlato de uma “natureza humana” incontestada, dotada de poderes excepcionais e capaz de gerir, via conhecimento, todos os aspectos da vida cotidiana.

Tomado sob este aspecto, não se pode duvidar que foi Descartes(1980), no século XVII, que influenciou nos contornos teóricos deste estranho ao defini-lo como constituído por duas substâncias distintas, que podem ser definidas, grosso modo, por uma alma/razão(consciência) e um corpo/afeto, cabendo ao primeiro, numa mecânica subjetiva, controlar e prevalecer sobre o segundo, criando uma relação onde o sujeito se ergue calcado numa oposição entre razão e afetos, entendidos a partir dos polos positivo/negativo, bom/mal.

Esta afirmativa, no entanto, traz implicitamente um campo de tensões e embates, pois tal como afirma Descartes, não haveria nada mais ameaçador a alma/consciência do que o corpo que ela habita. Tal constatação se explica: sendo a razão movida por princípios lógicos, meticulosamente organizada sob relações causais, a emergência dos afetos advindos do corpo, em sua intensidade e intempestividade, possuiria a capacidade de desagregar os arranjos de controle e organização da consciência, levando-a, portanto, ao sofrimento.

Sob esta ótica um primeiro problema se delinea: se consciência/alma (em seus preceitos racionais) tem no corpo/afeto sua maior ameaça⁵ devido a seu caráter caótico e imprevisível fez-se necessário a criação de uma relação mecanicista de submissão, sustentada pela presunção dos poderes infinitos da consciência.

Acontece, todavia, que por motivos diversos o enfraquecimento da mesma ocasionava o surgimento dos afetos, que, trazidos à tona, produziam uma profunda angústia para um homem desprovido de meios, senão os racionais, para se relacionar com os mesmos. Desta forma podemos afirmar que, grosso modo, a relação que estabelecemos com os afetos configura-se, desde a modernidade, pelo temor e despreparo, implicando em negação e ignorância quanto a sua relevância, funcionamento e importância para a ação na vida cotidiana.

Segundo Foucault, a sacralidade desta formulação resistiu a questionamentos por vários séculos. Ao escrever sobre o assunto nos idos dos sec. XX, no entanto, ele não pode

⁵Descartes, R. As Paixões da Alma(§1 e 2), in Obras incompletas. São Paulo : Abril Cultural, 1980.

antever que viveríamos um contemporâneo marcado pela compressão inelutável do espaço/tempo. Comumente chamada de pós modernidade, muitas são as definições e proposições teóricas sobre a atualidade, uma coisa, no entanto, não varia em relação aos enunciados/teorias: a velocidade e fugacidade do contemporâneo.

Chamado por Bauman (2001) de “Modernidade Líquida”, cada vez temos assistido as antigas formas de relação, marcadas pelas rigidez e estabilidade de suas formas dando lugar a outras cada vez mais fluidas, sem meio nem fim, movimentos que nunca cessam e, por não cessarem, trazem consigo a necessidade de criação de novas e imprevistas formas de relacionamento da consciência com o mundo que a cerca, gerando abalos, desgastes, angustias e confusões que tem contribuído significativamente para abalar o edifício teórico da Teoria do Sujeito, a centralidade da consciência e capacidade em gerir, pela supressão e domínio mecanicista, os afetos.

Desta feita, cabe-nos retornar a Foucault (Ibid) e sua crítica a existência de um ser previamente organizado e a-histórico. Ao colocar em xeque a naturalidade dos discursos que fundamentam a Teoria do Sujeito, ele apontará que o conceito de homem ao qual ainda nos referenciamos não é fruto de uma evolução linear, mas sim do embate entre diferentes forças, instintos e compromissos, donde emerge o sujeito como efeito de atos intencionais de dominação, violência e violação, não havendo, portanto, nenhuma essência eterna e imutável, de maneira que os princípios cartesianos de racionalidade (em oposição a afetividade) são apenas frutos de uma imposição histórica/cultural e não coisa em si. Desta forma cabe-nos questionar, se o homem é efeito da luta entre diferentes forças, como então podemos estabelecer uma outra relação com os nossos afetos de forma a compreender seus efeitos na forma de agirmos e pensarmos o contemporâneo?

Partindo destes questionamentos, cabe-nos voltar ao sec. XIX quando Nietzsche (1998) apresentará sua mais contundente exegese: Deus morreu!. Longe de ser uma constatação leviana, ela traz consigo uma constatação inescapável: com o surgimento da ciência, Deus perdera centralidade no pensamento. Passando a habitar um plano secundário, a divindade deixou de reger o destino humano, restando, portanto, uma humanidade livre para construir outras formas de conceber a si mesmo e estabelecer outras relações com o mundo que cerca.

Os séculos de cativo, no entanto, criaram um homem amansado e medroso, que mesmo livre de determinações transcendentais sobre como agir e pensar se viu só e incapaz de lidar com sua nova condição. A morte de deus tirara o mundo dos eixos e agora, sem norte para lhe apontar a direção o homem ficara perdido. Para muitos, a angustia desta constatação

não os lançou a novos desafios, mas fez nascer aquilo que o Nietzsche chamou de “Homem do Ressentimento” (NIETZSCHE: 2012), uma espécie de ser que se vê fraco e impotente ante um mundo que não conhece e teme, que por não se ver forte para lançar-se a novos desafios se volta a um passado idealizado e estilizado onde constrói para si um refúgio inescapável.

Para este tipo, objeto de nossa abordagem, a visão mecanicista/cartesiana do sujeito perde o sentido. Nele não habitam substâncias opostas (corpo/afetos, alma/razão), pois ambos se somam e constituem um todo onde afetos e ação coabitam e que o ódio direcionado a um mundo que não se conforma a seus valores é justo e necessário.

Agarrado a uma concepção de passado sem máculas, as tradições e fórmulas estanques sobre a vida e viver tornam-se mantras para o ressentido. Nesta tipologia nietzschiana surge um ser hipersensível, cuja similaridade se faz cada vez mais aparente na atualidade. Nele tudo que é novo incomoda, toda diversidade machuca e toda diferença é má por não ser correlata as imagens idílicas de um passado permanentemente atualizado (re-sentido) aos quais se agarra transformando o cotidiano num perpétuo lamento.

Ao transportarmos estas definições para o cotidiano dos discursos e práticas brasileiras na atualidade um cenário de tensão e conflitos se delinea, pois, parcelas significativas da população passam a apresentar sintomatologias que correspondem, em muitos aspectos a descrição Nietzschiana, em especial quando comparados aos parâmetros de um passado estilizado, a tentativa de retornar a um tempo idealizado e a impossibilidade de fazê-lo.

Sentindo-se incapaz de se adaptar a um mundo em permanente movimento, onde corpos e sexualidades não se submetem a regras extemporâneas e verdades transcendentais – advindas de uma divindade resgatada e permanentemente reatualizada –, resta maldizer seu tempo e o mundo que habita ao transformar sua impotência em arremedo de força, transmutando sua dor em ódio a tudo que lhe faz sofrer e este num “Espírito de Vingança⁶”, voltado a causar sofrimento a tudo e todos que lhe fizeram sofrer.

Possuindo uma sensibilidade hipertrofiada, o ressentido contemporâneo vê inimigos por todos os lados, conclamando a necessidade de atacar e, se preciso, destruir toda diferença e diversidade, principalmente aqueles que, com uma estética inusual, afirmam sua atividade inventando novas e imprevistas formas de expressão da liberdade através da invenção de formas singulares de conceber os gêneros e as sexualidades.

⁶ Distinta de toda e qualquer conotação mística ou religiosa, Deleuze nos aponta que esta noção remete, em Nietzsche, a um “Espírito[que] não faz da vingança uma intenção, um fim não realizado, mas, ao contrário, dá a vingança um meio. Não compreendemos o ressentimento enquanto vemos nele apenas um desejo de vingança, um desejo de se revoltar e de triunfar”. Deleuze: 2010, p.55

Seu direcionamento se explica, pois, impossibilitado de parar o tempo e as mudanças que ele impõe, a existência de corpos e vidas insubordinadas denunciam sua impotência, seu medo e a incapacidade, denunciando assim sua fraqueza que, transformada em força, surge encenada como farsa.

Tendo em vista a complexidade dos conceitos abordados e a implicações para o cotidiano da realidade brasileira, não se pretende estabelecer ao final deste artigo soluções fáceis, nem oferecer respostas prontas aos embates que se apresentam como necessários e fundamentais ao cotidiano que se apresenta. Nosso objetivo, portanto, configura-se como uma possibilidade de reflexão sobre os desafios que se apresentam que enfrentar a uma realidade atual marcada por discursos de ódio, discriminação, violência e retrocesso que marcam a atualidade no Brasil.

Desenvolvimento

O sujeito (ou falando de modo mais popular a alma) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a terra, talvez por haver possibilitado à grande maioria dos mortais, aos fracos e oprimidos de toda espécie, enganar a si mesmo com a sublime falácia de interpretar a fraqueza como liberdade e o seu ser assim como mérito. (NIETZSCHE: 2012, Cap II, §13.)

G. Deleuze (2010), ao analisar a obra de Nietzsche, descreve o homem⁷ como sendo portador de dois tipos de energias, as ativas, que podem ser, grosso modo, definidas como aquelas decorrentes do afeto gerado pelo encontro de corpos na natureza, sendo dotada de caráter imprevisível, intempestivo e disruptivo, estando voltadas a criação e invenção. Uma segunda, as forças reativas, seriam aquelas advindas da consciência e teriam como característica fundamental a manutenção e conservação de um modo de vida estabelecido pela tradição e cultura, por valores transcendentais e pela moralidade vigente numa sociedade, onde toda mudança é vista como ameaça e que prima pela conservação das energias através da manutenção das formas conhecidas de se viver.

Estas duas energias psíquicas, organizadas de forma dinâmica, constituiriam o caráter imanente do aparelho psíquico humano. Suas variações, o aumento ou diminuição de sua

⁷ Cabe ressaltar que a definição de homem e sua estruturação em Nietzsche é muito mais ampla e abrangente do que a síntese aqui apresentada, mas dada a limitação imposta pelo escopo deste trabalho optamos por fazer recortes que entendemos como relevantes para a compreensão da temática proposta, em especial o conceito chave de “Homem do Ressentimento”.

potência, teriam como objetivo primevo a busca por afirmação, mas, em última instância, serviram a objetivos mais concretos ao possibilitar o surgimento da cultura e de formas de nos relacionarmos com a mesma, sem perdermos, no entanto, a capacidade criativa de propor novas relações.

Nesta relação de forças, no entanto, não haveria nada de casual ou acidental, pois sua expressão não seria condicionada por fatores alheios ao próprio homem, sendo este, para além dos desígnios de uma consciência ou da intensidade das paixões humanas, responsável investir ou compactuar, para além do bem e do mal, com a afirmação de uma destas forças, em detrimento da outra, através criação de modos de vida para si.

Por se tratarem de forças em busca de afirmação, no entanto, a opção por investir num determinado modo de expressão destas não implica na subordinação ou diminuição da outra, resultando numa existência marcada pela luta e embates constantes, onde toda e qualquer forma de paz, harmonia ou conciliação torna-se impossível⁸.

Partindo deste contexto, Nietzsche vai nos apresentar dois modos de expressão, as aves de rapina, compostas por forças ativas, e a ovelhas, aquelas que habitam as forças reativas. Neste sentido, o filósofo nos apresenta a seguinte fábula.

Que as ovelhas tenham rancor às aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurarem as aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas. E se as ovelhinhas dizem entre si “essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina e sim o seu oposto, ovelha – este não deveria ser bom?”, não há o que objetar esse modo de erigir um ideal, exceto talvez que as aves de rapina assistirão a isso com ar zombeteiro, e dirão para si mesmas: “*nós* nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha” (Nietzsche: 2012, Cap. I, §13)

Na analogia fabulosa de Nietzsche, as aves de rapina são más – sob o olhar das ovelhas – por imprimir temor no rebanho. Sua resposta jocosa – nada temos contra as deliciosas e tenras ovelhinhas – denota sua total indiferença para com o julgamento daqueles que se vêm como fracos. Nelas não há nenhuma “essência má”, nenhuma baixaza ou vilania, nenhuma natureza perversa que possa lhes ser atribuída: elas só expressam alegremente suas forças

⁸Há de ressaltar aqui a diferenciação entre a noção cartesiana e a apresentada por Nietzsche. No cartesianismo a prevalência da consciência e o investimento em suas capacidade “infinita” resultaria, num futuro evolutivo, num contexto de paz e harmonia pela eliminação daquilo que a ela opõem. Em Nietzsche não há paz possível e toda ideia de evolução é um engodo, posto o caráter imanente e intempestivo destas forças, resultando numa formulação radicalmente diferente da anterior, dado a necessidade de ter que se compor, de maneira contínua em ininterrupta, com forças tão distintas.

enquanto atividade dizendo “Sim a si mesmo” e, ao fazê-lo, não se deixam atrelar ou constringer com os valores pretensamente universais emanados da cultura.

Por serem capazes de se afirmar sua existência como atividade as aves de rapina não têm necessidade de serem louvadas ou julgadas por seus atos. Sua altivez, capaz de “valorar” como bom tudo aquilo que conhece de si, exalta a capacidade de lidar com os imprevistos, com a intempestividade da vida e do viver e ainda “gerar valores” sem necessidade de ser aprovado pelos outros, sendo capaz de agir livre e ativamente, alegrando-se da sua capacidade e força.

Seu ódio, na mesma medida, não se volta ao caráter retributivo de uma dor sentida, tal como entendem as ovelhinhas, e sim como forma expressão de algo que o constituiu, sem que isso implique numa vingança por algo que o desagrade ou ofenda, mas sim na superação daquilo que gerou este afeto.

Para as ovelhinhas do ressentimento, ser forte não reside na felicidade de afirmar-se, e sim na capacidade de controle diligente, onde o não para o sim, para toda e qualquer forma de atividade dá lugar à busca por verdades transcendentais e universais que lhe permitam um conhecimento capaz de exercer o controle de si, dissociando-se do caráter caótico e intempestivo do mundo ao inventar uma natureza humana que, tornada universal, afirma uma vida conservativa e fraca.

Sua astúcia reside no fato de inverter os fatores ao retomar os preceitos religiosos de um outro mundo possível(paraíso) como ferramentas de persuasão, exaltando sua fraqueza como força, transformando sua resiliência ante a um mundo que despreza e teme sua maior virtude.

A virtude, o louvor a sua fraqueza e a retidão de caráter tornam-se sinônimos de força e tem como fundamento primeiro o “ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação”⁹ pelo sofrimento de habitar um mundo que não se curva a seus desígnios, transformando a vida num eterno suplício a ser suportado para ser digno de um porvir no céu.

Ao acreditar na superioridade e força de suas formulações, o ressentido cria um paradoxo impossível de conciliar, pois a natureza que inventa para si (reativa) não é capaz de cindir-se da natureza em si e do mundo que habita e que lhe é imanente (ativa). Para justificar sua miséria o ressentido inverte a ordem dos fatores, levando a invenção de uma fórmula que aos olhos do filósofo soa absurda: para que o homem seja “digno” ele deve renegar a si

9 Ibid

mesmo, as forças ativas que o habitam e entristecer, pois não haveria mais ódio, dor, nem necessidade de vingança pela mágoa recebida.

Se para os animais de rapina a felicidade está atrelada ao exercício de sua potência, para aqueles que optaram pelo rebanho o caminho é oposto, tornando a existência das forças ativas, associadas a vida e do viver, uma mácula que torna o homem desprezível e indigno, devendo ser disciplinado por uma vida virtuosa, onde o trabalho diligente em busca de uma verdade universal, (que reside num passado perdido e idealizado, reeditado e re-sentido em toda carga afetiva no presente) assume um valor intrínseco e a felicidade torna-se uma meta a ser alcançada pela superação e eliminação de toda diferenciação.

Ao deixar de ser um valor imanente para se transformar na recompensa por uma existência marcada pela virtude e retidão, a felicidade só seria alcançada pelo “puros”, os resilientes, ou seja, pelas “pessoas do bem”¹⁰. Para tornar isso possível, no entanto, seria preciso eliminar da existência (se preciso, de forma violenta) toda e qualquer alteridade que possa produzir sensações, percepções ou afetos que o levem a intuir a existência de algo em si que não se subordina a virtude que marca sua existência.

A existência daqueles que não compartilham seu sistema de valores, os ‘maus’, aqueles que “ousam” afirmar sua potência criativa e inventiva enquanto se vê incapaz de fazê-lo, faz com que os ressentidos transformem o ódio, o despeito e a inveja em força motriz, direcionando sua sede de vingança contra aqueles que os desprezaram, que riram desdenhosamente do fato de terem escolhido “o céu em troca da terra, a eternidade em troca do dia presente”¹¹, em suma, os “maus” seriam aqueles que dizem Sim para a natureza, para o presente e para as forças que aí fremem e, ao fazê-lo, envergonham¹² e debocham das suas escolhas.

Considerações Finais

Ao retomarmos a questão inicial que norteia essa discussão, cabe-nos relançar a pergunta: o que deu errado? Em que momento os avanços (ainda lentos, mais ainda assim relevantes) que proporcionaram um protagonismo, ainda incipiente, das pautas da diversidade nas políticas públicas inverteram seu polo, configurando-se numa tendência ao retrocesso?

10 Em tempos de grande agitação social em torno da política brasileira, a analogia entre o pensamento de Nietzsche com a expressão usual “pessoa de bem” é irresistível, uma vez que estas têm como conceito um padrão moral que muito se assemelha aos do homem do ressentimento, ou seja, uma autocomiseração com seus desvios e um afeto de ódio voltado a todos aqueles que não compartilham dos seus valores.

11 Nietzsche: 2014, Os virtuosos.

12 Nietzsche :1998, §273.

Como um cotidiano relativamente aberto a discussões e busca de novas formas de convivência, visibilidade e inclusão da diversidade, em especial a de gênero e sexual, se transformou numa radicalização marcadamente de viés conservador, por vezes reacionário e de forte influência de uma determinada visão de religiosidade (cristã/protestante¹³), dando forma a discursos que promovem o aumento da estigmatização destas e de outras parcelas da população? Uma possível resposta a estas perguntas encontra-se na definição de homem do ressentimento nietzschiano.

Num mundo onde Deus morreu, morreram também as referências que o tornaram inteligível. Sem Ele o que faremos nós? Pergunta Nietzsche¹⁴. Numa aproximação do conceito de Modernidade Líquida (Bauman: 2001), onde as referências que permitiam dar sentido a existência através de fórmulas mais ou menos rígidas de viver (família patriarcal, gênero biológico, moralização do sexo e da sexualidade, etc) tornam-se cada vez mais fluídas, cabe-nos relançar a pergunta: sem os limites de uma institucionalidade, sem ter parâmetros para nos guiar por um mundo inconstante e permanente mutação o que faremos nós? Como agir? A resposta mais óbvia seria o exercício de uma liberdade recém-conquistada. Mas os séculos de cativo, conforme vimos, mutilaram sua Vontade, tornaram o homem um ser angustiado e amedrontado, incapaz, portanto, de livrar-se do fantasma de um verdugo imaginário.

O fato de convivemos com um período onde as possibilidades de avançar na discussão de temas tão sensíveis para a contemporaneidade eram possíveis – como nas questões de visibilidade, igualdade de direitos e prioridade nas políticas públicas – não fez com que o “mal estar” latente de se viver num mundo “caótico”¹⁵ (entendido como destrutivo), fosse superado, ao contrário, tornou-o mais denso, raivoso e virulento.

O ressentimento de viver num mundo “fora dos eixos” transformou seu olhar lamentoso do passado (traduzido pela expressão “Na minha época...”) numa chaga purulenta, que não cessa de causar dor. Para que seu sofrimento cesse, é preciso, mesmo que

13 Considera-se, no caso citado, as vertentes do protestantismo de posturas mais rígidas e radicalizadas sobre as formas de habitar a atualidade bem como o desejo confesso de intervir no campo da política e da sociedade, fenômeno que pode facilmente exemplificado pela números significativo de deputados e senadores federais que se denominam “bancada evangélica” e o conseqüentemente aumento de sua influência nos rumos políticos do país.

14 Nietzsche (1998), §125.

15 Tomando de empréstimo a discussão presente em Rolnik (1995) temos a discussão do conceito de caos a partir de três concepções advindas da física: ordem e equilíbrios como sinônimos, sendo o caos seu antagonico (física clássica); a noção de caos como destrutivo, em seu caráter irreversível (termodinâmica do séc. XIX) e o caos como agente complexificador do mundo (física contemporânea), onde a destruição de uma possibilidade não anula a possibilidade de criação de outras, compondo e descompondo ordens vigentes e apontando para a criação de novas múltiplas e imprevisíveis formas.

imaginariamente eliminar do presente do tempo suas variações ao reeditar, perpetuamente, um tempo onde, mesmo de maneira fantasmática, a felicidade, sob seu ponto de vista, era possível. Sem conseguir o tempo retroceder, resta apenas a vingança contra todos aqueles que se regozizam com esse mundo caótico.

Seu objetivo, no entanto, vai além. Vingar-se de todos aqueles que buscam afirmar sua vida como atividade, sem dor, culpa ou ressentimento, assume o espírito de uma cruzada santa destinada a recriar na terra a imagem de um paraíso celeste. Causar sofrimento naqueles que não creem na pureza dos seus ideais e que debocham de sua angústia assume um caráter educativo¹⁶, pois criar nos “desviantes” uma memória através do castigo implicaria num prazer duplo: a satisfação íntima de um desejo inconfesso (assumir o gozo obtido através do sofrimento alheio é, em muitos aspectos, a antítese daquilo que prega uma moral ressentida) e o gozo de ser o instrumento de uma vontade divina, pois, com Deus morto quem poderia assumir a sua obra senão aqueles que ainda professam seus ideais?.

A este segundo aspecto soma-se uma última, mas fundamental, contribuição da obra de Nietzsche(1998,§125): ao se verem diante do trono vazio de um Deus morto os homens se perguntaram – O que será de nós agora!. A resposta era óbvia, sentaremos em seu trono, ocuparemos seu lugar e nos tornaremos Deus.

Sem nos determos na amplitude dessa afirmativa, podemos depreender, a guisa de conclusão, alguns aspectos relevantes da mesma. Um primeiro implica na constatação de que sem um Deus divino não há além, o que transforma este mundo no único paraíso possível. Torná-lo viável implica na necessidade de purificá-lo de todas as formas de “pecado”, transformando todos aqueles que habitam as forças ativas na “imagem e semelhança” do ressentimento. Para essa missão é preciso, para além das pequenas batalhas cotidianas, habitar os embates mundanos da política pública, pela ocupação dos espaços da política tradicional, pela disseminação de seus discursos reativos e pela imposição, pela força, de sua fé.

Por trás destes discursos, no entanto, não existe nada de divino, puro ou mesmo virtuoso, mas sim a impossibilidade de compreender as forças que habitam o homem, os embates e conflitos que se articulam em existências mutiladas, massacradas pelo peso de suas escolhas, pelo seu olhar pesaroso, pelo seu desejo inconfesso de dominação e pela mesquinhes de seus atos. Sem Deus, no entanto, não existe destino e sem destino a liberdade torna-se possível. Resta-nos, então, nos lançarmos a luta, ao embate, a criação e a invenção de novas

16 “Grava-se algo a fogo para que fique na memória: **apenas o que não cessa de causar dor fica na memória** – eis o axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia sobre a terra”. Nietzsche, 2002, livro II, §3. (grifo nosso).

formas de vida, construindo existências insubmissas, capazes de habitar o contemporâneo pela afirmação e não pela sujeição aqueles que querem colonizá-lo com a ignorância e negação das forças criativas.

REFERÊNCIAS

- Baumam, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2001;
- Descartes, R. As Paixões da Alma. in Obras incompletas. São Paulo : Abril Cultural, 1980;
- Deleuze, G. Nietzsche e a Filosofia. São Paulo : Edições 70(Almedina Brasil), 2010;
- Foucault, M. A Verdade e As formas Jurídicas. Petrópolis : Vozes Editora, 2001;
- Nietzsche, F. Genealogia da Moral: Uma polêmica. Rio de Janeiro : Companhia das Letras, 2012;
- Nietzsche, F. A Gaia Ciência. São Paulo : Editora Escala, 1998;
- Nietzsche, F. Assim Falou Zaratrustra. Rio de Janeiro : Companhia das Letras, 2014.
- Rolnik, S. À sombra da Cidadania: Alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. Em: Magalhães, M. C. R. (org.). *Na sombra da cidade* (pp. 141-170). São Paulo: 1995, Escuta.